

Resumo: O artigo mostra como a história dos 40 anos do ITESC coincide com a dos 50 anos do início do Concílio. Observa como os Bispos de Santa Catarina, em 1972-73, ao criarem o ITESC, estavam todos inspirados pelas propostas conciliares. Pouco antes, em 1970, fora criado o Regional Sul IV da CNBB, abrangendo as dioceses do Estado, então em número de sete. Procurava-se, também, pôr em prática as propostas da Conferência de Medellín, de 1968 e, em muitos setores da pastoral, aderiu-se ao Método da "criatividade comunitária". O Diretor do ITESC, P. Bratti, optou decididamente pela eclesiologia do Vaticano II, surgindo daí um conflito entre ortodoxia e ortopraxis. Em 1976 é criado o Diretório Acadêmico dos estudantes. O longo pontificado de João Paulo II deixou marcas na evolução do ITESC. Na década de 90 criaram-se os "Seminários Teológicos" das várias dioceses, com exceção de Chapecó. Em 1978 conseguiu-se o reconhecimento dos estudos do ITESC pela Santa Sé, com a concessão do Bacharelado eclesiástico através da Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus. Finalmente, o Bacharelado civil, pelo MEC, em 2011-2012. No final do artigo, uma "visão de conjunto", abrindo perspectivas de esperança.

Abstract: The author is pointing to the fact that the period of 40 years of ITESC coincides with 50 years since the beginning of the Council. He then lets us know that the bishops of Santa Catarina, in 1972-73, were inspired by the ideals of the Council by creating the ITESC, the theological school established in Florianópolis. In fact, just before that date, in 1970, the ecclesial organization, named Regional Sul IV of CNBB was founded, known as the national conference of Catholic bishops in Brazil, integrating seven dioceses of the State of Santa Catarina. It was an attempt to put into practice the objectives of the Conference of Medellín held in 1968. In many sectors of the pastoral activity the method of "communitarian creativity" was adopted. The director of ITESC was the late Father Paulo Bratti who put to full use the ecclesiology of Vatican II, causing a conflict between orthodoxy and orthopraxis. In 1976 was created the Academic Organization of the student body of ITESC. The lengthy pontifical reign of Pope John Paul II left a decisive mark of the evolution of ITESC. In the decade of the nineties, several "diocesan seminaries" were created in Florianópolis. In 1978 an important event took place by the recognition of the academic status of ITESC by the Holy See in Rome granting the degree of Bachelor in theology through its affiliation with the theological school of the Jesuits. Finally, the Ministry of Education of the Brazilian State Department authorized ITESC to grant the academic degree of Bachelor of theology in 2011-2012. In the conclusion of the article a wider perspective opens up to the reader by promising a future of even greater achievements.

ITESC – 40 ANOS

O Instituto Teológico de Santa Catarina: 1973-2012

*José Artulino Besen**

* O autor é especialista em História da Igreja, Professor emérito do ITESC, e Pesquisador da FACASC.



Em 1973, num pequeno edifício no bairro Pantanal, defronte à Universidade Federal de Santa Catarina, tinha início o INSTITUTO TEOLÓGICO DE SANTA CATARINA, o ITESC. Presentes à Missa de inauguração: o arcebispo de Florianópolis, Dom Afonso Niehues; o bispo de Tubarão, Dom Anselmo Pietrulla; Pe. Agostinho Petry (hoje bispo de Rio do Sul); o primeiro professor e diretor, Pe. Paulo Bratti; e os primeiros alunos, das dioceses de Florianópolis, Rio do Sul, Lages e Tubarão.

Os primeiros professores: Pe. Paulo Bratti, Pe. Francisco de Sales Bianchini, Pe. Eloy Guella, SJ, Pe. Waldomiro O. Piazza, SJ, Nereu do Vale Pereira, Pe. Ney Brasil Pereira (a partir de agosto), aos quais, no ano de 1974, se uniram Pe. Orlando Brandes e Pe. José Longen. Realizava-se, em fim, o desejo acalentado desde a década de 50 do século XX, de formar em Santa Catarina os presbíteros que nela trabalhariam, criando uma identidade eclesial no Estado catarinense.

Já se tinha concretizado a decisão do Concílio de Trento (século XVI), de cada diocese ter seu seminário, norma repetida por São Pio X em 1907, com a Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*: se não cada diocese, ao menos criar seminários provinciais. Com a criação do bispado de Florianópolis, em 1908, o primeiro bispo, Dom João Becker, sentiu-se obrigado a buscar abrigo no Seminário “Conceição”, dos Padres da Companhia de Jesus, em São Leopoldo. Criar um seminário não era o mais difícil, mas, como ter professores e formadores? Para a formação filosófica e teológica, os seminaristas foram matriculados nos Seminários maiores de São Leopoldo, RS, Mariana, MG, São Paulo, SP e no Pontifício Colégio Pio latino americano de Roma e, a partir de 1934, no Pio brasileiro.

Na década de 50, já eram 4 as dioceses: Florianópolis, Joinville, Lages e Tubarão, e os bispos se preocupavam com a dificuldade de formar seus padres. Uma janela abriu-se em 14 de março de 1954, com a inauguração do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição em Viamão, RS, que contou com a colaboração dos católicos catarinenses. Estava habilitado a receber seminaristas das dioceses gaúchas e catarinenses, em sua imensa estrutura com capacidade de abrigar 250 filósofos e 250 teólogos.

Evidente que era solução provisória, pois havia dificuldades na convivência dos jovens dos dois Estados e divergências entre as orientações das Igrejas diocesanas. Entre 1960 e 1965, a diocese



de Joinville preferiu enviar os seminaristas maiores para cursarem teologia em Friburgo, na Suíça, tanto por razões de seriedade acadêmica como por facilidade econômica, pois as bolsas cobriam todas as despesas. Aproximadamente uma dezena seguiu esse caminho. Bem formados, com doutorado, prestaram grande ajuda à Universidade Federal de Santa Catarina e, especialmente, na fundação da Universidade de Blumenau.

Os ventos de renovação eclesial, pastoral, formativa, que convergiram no Concílio do Vaticano II (1962-1965), apresentaram novos desafios. Além disso, o clima de contestação em Viamão forçou os bispos catarinenses a nova solução: em 1964, os seminaristas maiores foram encaminhados para o Seminário Maior Rainha dos Apóstolos, em Curitiba e, no ano seguinte, foi inaugurado o PAULINUM, seminário maior da Igreja catarinense naquela capital, com o nome prestando homenagem ao apóstolo Paulo e ao papa Paulo VI. Foram tempos fecundos de busca de caminhos teológicos, pastorais e formativos, sob a orientação generosa e paciente dos padres Osmar Pedro Müller, Afonso Paulo Guimarães, Paulo Bratti e Evaristo Debiassi. Passo seguinte, após tantas andanças e experiências, foi crer na possibilidade e necessidade de um Seminário teológico em Santa Catarina. Nascia em Florianópolis, em 1973, o Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC.

Episcopado catarinense

Era mais difícil a tomada de decisões por parte dos bispos, pois a prática pastoral isolava cada um em sua diocese. A Igreja se constituía em unidades estanques, embora com isso tenha começado a mudar a partir de 1952 quando, por incentivo de Dom Giovanni Montini (depois Paulo VI) e a coordenação eficiente e carismática de Pe. Hélder Câmara, nasceu no Rio de Janeiro a Conferência nacional dos bispos do Brasil, a CNBB. Dom Hélder, eleito bispo em 3 de março de 1952, foi secretário geral até 1964. Em 1977, a sede da CNBB foi transferida para Brasília, DF.

Num território vasto como o brasileiro, foi sumamente positiva a criação dos Regionais da CNBB. Em nosso Estado, passamos a pertencer ao Regional Sul I, a partir de São Paulo, depois ao Sul II, a partir do Paraná, seguindo ao Sul III, com o Rio Grande do Sul. Entretanto, em 18 de março de 1969, quando do 1º Encontro do Episcopado de Santa Catarina (agora acrescido das dioceses de Chapecó, Rio do Sul e



Caçador), dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis, manifestou interesse na criação de um **Regional próprio em Santa Catarina**. A idéia foi bem recebida por todos, e provocou o envio de uma solicitação para que a CNBB, em sua Assembléia Regional, aprovasse a criação do novo Regional ainda naquele ano. Tudo foi muito rápido, pois a intermediação era do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. O pedido foi apreciado pela Comissão Central da CNBB que, em 28 de setembro do mesmo ano enviou o deferimento da solicitação, nomeando o novo Regional como “CNBB Regional Sul 4”.

Durante a Assembléia do Regional Sul 3 (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), realizada em Lages entre 16 e 23 de novembro, foram dados os primeiros passos práticos para a criação do novo Regional. E, já no primeiro dia útil de 1970, aconteceu a instalação da CNBB Regional Sul 4. Dom Afonso foi eleito seu presidente, o que se repetiu sucessivamente até 1986. A primeira sede do Regional foi num prédio cedido pela Arquidiocese, no centro de Florianópolis. A partir de 1995, passou a funcionar junto ao ITESC, no bairro Pantanal.

A unidade afetiva e pastoral do episcopado catarinense

A Província eclesiástica de Santa Catarina, que corresponde ao Regional Sul IV da CNBB, foi constituída em 1927, com a arquidiocese de Florianópolis e as dioceses de Lages e Joinville. Chegou ao ano 2000 com 10 Igrejas particulares: Florianópolis, Lages, Joinville, Tubarão, Chapecó, Rio do Sul, Caçador, Joaçaba, Criciúma e Blumenau.

Foram duas as realidades que convergiram, tanto na criação do Regional e sua pastoral orgânica, como na do Instituto Teológico de Santa Catarina. Em primeiro lugar, a atuação colegial, prudente, humilde e respeitosa de Dom Afonso Niehues, Arcebispo. Por mais difíceis que parecessem os conflitos, a ponderação serena de Dom Afonso encontrava ponto de equilíbrio, caminhando devagar, mas sabendo onde se queria chegar. Em segundo lugar, o que é muito importante, a estabilidade dos bispos em suas dioceses, delas sendo pastores até a renúncia pela idade canônica de 75 anos, o que prevaleceu até 2000. Para se ter uma idéia, levando em conta o tempo trabalhado na Igreja de SC, foram estes os anos de permanência: Dom Afonso Niehues – 33 anos, Dom Honorato



Piazzera – 21 anos, Dom Oneres Marchiori – 32 anos, Dom Gregório Warmeling – 37 anos, Dom José Gomes – 30 anos, Dom Anselmo Pietrulla – 26 anos, Dom Osório Bebbber – 11 anos, Dom Tito Buss – 31 anos, Dom Henrique Muller – 24 anos, Dom Orlando Dotti – 7 anos, Dom Luiz Colussi – 13 anos. Isso permitiu o encaminhamento e amadurecimento das grandes diretrizes pastorais, e tornou realidade a amizade fraterna dos senhores bispos e foi decisivo para a fundação do ITESC e a constituição do patrimônio da entidade mantenedora, a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara.

Uma grande primavera na Igreja

Era esse o panorama eclesial em 1973, ano natalício do ITESC: oito anos de encerramento do Concílio, cinco da Conferência de Medellín, 10 anos de pontificado de Paulo VI. A Igreja Universal vivia as alegrias e esperanças do Vaticano II, enquanto que a América latina estava mergulhada nos anos de chumbo das ditaduras militares, catequizadas na norte-americana Doutrina de Segurança Nacional.

O episcopado latino-americano, reunido em Medellín e inspirado pelo Paulo VI, revelou em toda a sua verdade o rosto de pobreza do povo latino americano. Os pastores zelosos estavam decididos a trabalhar pela libertação de seus povos, mas os regimes de força pouco a pouco foram mostrando seu rosto insensível frente ao pobre, mas sensível ao capital internacional, para cuja defesa não hesitavam em recorrer à prisão, à tortura, à censura, ao assassinato. Os bispos brasileiros tinham o privilégio de lideranças firmes, proféticas e corajosas, à frente da CNBB, mas Dom Hélder Câmara, a grande alma da CNBB, estava proibido de ser citado nos MCS desde 1968.

Paulo VI, o grande papa do século XX, sofria no corpo e na alma os dramas da Igreja, uma instituição que, levada pelo entusiasmo conciliar, queria caminhar depressa e, ao mesmo tempo, carregava em seu ventre saudosistas e tradicionalistas inseguros, tendo de caminhar lentamente para não perder alguns filhos nas freadas ou aceleradas, o que era visto como indecisão ou medo do Concílio.

Todos os bispos catarinenses de 1973 participaram do Concílio, o que foi causa de grande unidade eclesiológica e comunhão diocesana, alimentando criativamente a Pastoral de Conjunto. Ao final do Concílio, assim se expressou Dom Afonso na Rádio Vaticana: “Aqui



viemos como príncipes, e retornaremos como despojados pastores a serviço do povo”. Dom Gregório Warmeling, de Joinville, com outros bispos, assinou o Pacto das Catacumbas, comprometendo-se a uma vida e estruturas despojadas. Deixou de residir no Palácio episcopal, para mágoa de muitos joinvillenses. Com a maioria desses grandes bispos já na paz do Senhor, podemos dizer, sem fazer exceções, que foram dedicados pastores, humildes, despojados, sem outro projeto do que o bem de seus rebanhos e de seus padres. Viveram intensamente a colegialidade de que falou o Concílio e, depois, o conjunto das Conferências latino americanas.

O método da Criatividade Comunitária

Entre 1969 e 1978, o episcopado e coordenações de pastoral assumiram como método de organização pastoral a “Criatividade Comunitária”, método de organização comunitária baseado nos 14 Sistemas de Antônio Müller, da USP e adaptado por Waldemar Gregori: Parentesco, Saúde, Manutenção, Lealdade, Lazer, Viário, Educacional, Patrimonial, Produção, Religioso, Segurança, Político-Administrativo, Jurídico, Precedência. O que era para ser um método pedagógico, transformou-se numa quase ideologia, colocando o homem no centro, mas um homem libertado de dependências, inclusive dos “recheios” religiosos e da cruz.

Padre Paulo Bratti, então ainda lecionando em Curitiba, alertou o episcopado paranaense sobre essa redução da fé cristã, analisando o Método em artigo publicado no SEDOC com o título “Fé cristã e justificação pela fé”. Vindo para Florianópolis, não se furtou a colocar-se fora da unanimidade entusiasmada e, diante dos bispos e dos Coordenadores de Pastoral, acusou com veemência a Waldemar de Gregori de anunciar um panteísmo imanentista. Nunca foi perdoado pela coragem profética e foi marginalizado do Regional Sul IV, que não mais o convidou para nada. O ITESC foi mal visto por isso: acusavam-no de oferecer apenas “recheio teológico”.

A história encarregou-se de dar-lhe razão quando da grande crise em que se viram envolvidas as Congregações das Irmãs Catequistas Franciscanas, Irmãzinhas da Imaculada Conceição e da Divina Providência, tendo essa última passado por dolorosa Visita canônica que em 1978 terminou com a exclusão de mais de 90 Irmãs, que constituíram a “Fraternidade Esperança”.



O Instituto Teológico e as dioceses – riqueza e conflito

Na Igreja catarinense, havia três anos constituída em Regional Sul IV da CNBB, vivia-se a tensão entre *ortodoxia e ortopraxia*, entre reflexão teológica e reflexão pastoral, entre o presbítero pastor e o sacerdote da tradição. Se pudéssemos pessoalizar, citaríamos três nomes que, por estarem na eternidade, já dispensaram os manuais de teologia: em Florianópolis, Dom Afonso Niehues sonhava com uma Igreja aberta aos problemas do mundo mas fiel à tradição; em Joinville, Dom Gregório Warmeling era o protótipo do homem livre, para quem o importante era experimentar novos caminhos sem medo de errar e recomeçar (“valeu a experiência”, o que denota sua confiança na Providência); em Chapecó, Dom José Gomes não tinha dúvidas: suas ovelhas prediletas eram os camponeses, os índios, os caboclos, os excluídos da sociedade.

Se a primeira década do ITESC foi mais centrada no binômio teologia-pastoral, a segunda década, a de 80, foi vivida nas opções da Conferência do Episcopado em Puebla (1979): os jovens, a família, os pobres, desses renovando-se a opção preferencial formulada em Medellín, em 1968. Foram os pobres, e a marginalização que os gera, o grande campo de amadurecimento e conflito no Instituto Teológico. De modo até agressivo, os alunos perguntavam: por que estudar “dogmas”, se o povo pede pão? A ação pastoral é quase identificada com ação social. Se o Concílio oferecia a imagem de um *presbítero pastor*, Puebla parecia exigir um *presbítero agitador*.

Simultaneamente, a vida pastoral recebe outro método – ou espírito – a *Renovação Carismática Católica*, com toda a atração que exerce sobre as massas tanto no campo católico quanto no competidor Pentecostalismo evangélico. A eleição de João Paulo II, em 1978, representou aquilo que se denominou “retorno à grande disciplina”. O clima da pós-modernidade triunfante que anuncia a civilização do hedonismo e das aparências provocou o surgimento de um novo tipo de presbítero: o apreciador das liturgias faustosas, o sonho de ser “padre popstar”. As lutas por uma sociedade justa e fraterna perdem o lance animador, não por influência do ITESC, mas do ambiente donde surgem as novas vocações.



O ITESC – início humilde e desaparego eclesial

A primeira Ata do Instituto Teológico de Santa Catarina foi redigida por Ademar P. de Faveri, em 1º de dezembro de 1972, e assim começa: “*No dia primeiro de dezembro de mil novecentos e setenta e dois, reuniram-se no Arcebispado Metropolitano, em Florianópolis, das quatorze às dezessete e trinta horas, os senhores Dom Afonso Niehues, Pe. Paulo Bratti, Pe. Francisco de Sales Bianchini, Pe. Waldemiro Otávio Piazza e Pe. Eloy Guella, para fazerem deliberações a respeito do funcionamento do Curso de Teologia do Instituto Teológico de Santa Catarina, no próximo ano de mil novecentos e setenta e três*”. Na reunião seguinte, de 17 de fevereiro de 1973, “foi feita a comunicação de que *os senhores Bispos do Regional Sul IV, em reunião realizada no dia dez de janeiro do presente ano, houveram por bem oficializar a criação do ITESC e nomearam para Diretor e Vice-Diretor, respectivamente, Pe. Paulo Bratti e Pe. Evilásio Volpato*”, este, da diocese de Tubarão.

Ficou decidido que as aulas teriam início no dia 8 de março de 1973, dia do início do ano letivo na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e que o Instituto promoveria “duas semanas teológicas anualmente”. Tendo em conta o fato consumado, Dom Afonso Niehues construiu pequeno prédio, de dois andares, no Pantanal, abrigando os primeiros alunos e as primeiras aulas. Foi denominado “Convívio Emaús”. Hoje, ampliado, é o Seminário Teológico da arquidiocese de Florianópolis. As aulas eram ministradas na parte da tarde e funcionavam em salas cedidas por Convênio pela UFSC. Sem custo.

A sexta reunião aconteceu já nessa sede do Instituto, em 5 de maio 1973. Na espiritualização, Dom Afonso “*lembrou a responsabilidade dos membros do ITESC, pois dele depende o futuro da Igreja em Santa Catarina*”. O Arcebispo repetiu muitas vezes essa frase, especialmente nos momentos de maiores dificuldades.

A partir de 25 de fevereiro de 1975, as Atas passaram a ser redigidas pelo Pe. Ney Brasil Pereira, recém-chegado de Roma onde, no Pontifício Instituto Bíblico, recebeu o título de Mestre em Exegese bíblica. Continuando no dedicado magistério, Pe. Ney simboliza o entusiasmo e a memória histórica do Instituto, não se deixando levar nem pelo desânimo, nem pelos modismos.



No terceiro ano de funcionamento do ITESC, o número de alunos previstos para o início do semestre: 10 no terceiro ano, 5 no segundo, e 13 no primeiro. Destes, 7 eram seminaristas diocesanos, 4 freis capuchinhos, e duas irmãs da Divina Providência. Em 1980, o ITESC passou a contar com os seminaristas do PIME. A diversidade de origem, e a presença de leigos, enriqueceu a comunidade acadêmica.

Em 5 abril daquele ano, 1975, foi inaugurada e ocupada a nova sede do Instituto, propriedade da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, entidade mantenedora, nome que prestava homenagem e reconhecimento ao primeiro reitor do Seminário Menor de Azambuja, primeiro cardeal catarinense e colaborador na criação do Regional Sul IV. Tinha alojamentos individuais para 25 seminaristas e hoje sedia o Regional e seus organismos pastorais. Nesse mesmo ano, Dom Afonso fez construir outro edifício, à Rua Arno Hoeschel, para o Regional e residência dos professores do ITESC. No tempo devido, passou a patrimônio da Fundação.

Na seqüência da organização estrutural do Instituto, em 1979 foi inaugurado o edifício-sede do Seminário Maior Catarinense e no qual hoje funciona o Instituto Teológico de Santa Catarina. Construído com recursos oriundos da venda do PAULINUM de Curitiba, e com ajuda da arquidiocese alemã de Köln, foi dividido em alas onde teriam residência os seminaristas, idealmente cada grupo diocesano com seu assistente, tendo um Reitor geral. Comuns eram refeitório, capela, área de lazer e biblioteca.

Permanecia aberta a pergunta: que título e em que nível de reconhecimento os estudantes receberiam ao terminar o curso de teologia? Uma possibilidade, depois concretizada, foi a assinatura de Convênio com a Faculdade de Teologia Cristo Rei, de São Leopoldo, dos padres jesuítas. Sendo essa transferida para Belo Horizonte, houve continuidade na concessão do título eclesiástico de Bacharel, reconhecido pelas Universidades católicas. Deve ser lembrada, aqui, a contínua presença da Companhia de Jesus no ITESC, tanto contribuindo com professores como com a titulação.

Igualmente era desejável a criação de uma Revista teológica, que receberia as contribuições de professores e de alunos. Após muitas discussões e propostas surgiu, em 1986, por iniciativa do 2º Diretor, Pe. Hélcion Ribeiro, a Revista ENCONTROS TEOLÓGICOS que, até os dias atuais, não sofreu interrupção.



Partida prematura de Padre Paulo Bratti

Na madrugada de 15 de maio de 1982 aconteceu o inesperado: com apenas 46 anos de idade, no vigor de sua produção teológica, falecia Padre Paulo Bratti, até essa data Diretor do Instituto. Por suas qualidades pessoais, espirituais e de liderança, tanto no Instituto como na Capital, deixou um vazio não preenchido. A Igreja catariense lhe deve o reconhecimento por sua dedicação e generosidade na condução do barco em momentos difíceis. Pe. Paulo perdoava generosamente as críticas, as maledicências: era um homem reconciliado consigo e que vivia intensamente a intimidade com o Senhor. De tal modo era fiel a seu ministério, que os alunos o apelidavam de “o Presbítero”.

Pe. Paulo desejava publicar, em livro, alguns dos seus muitos textos saídos na imprensa local. Pe. José Artulino Besen, professor de História da Igreja, apresentou material já reunido para esse livro com 46 dos mais de 100 artigos deixados. Com o estímulo de Pe. João Evangelista Martins Terra, SJ, saiu pelas Edições Loyola, com o título “***A Fé no Desterro***”.

O retrato de Pe. Paulo está belamente traçado nos três artigos a ele dedicados na revista ENCONTROS TEOLÓGICOS, por ocasião do 10º aniversário de seu falecimento: “*Paulo Bratti – peregrino do Absoluto*”, do Dr. Paulo Leonardo Medeiros Vieira; “*Paulo Bratti – ‘um pecador que Deus amou’*”, de Pe. Ney Brasil Pereira; e “*Padre Paulo Bratti – presbítero da Igreja*”, do Pe. José Artulino Besen.

Assumiu como Diretor do ITESC o Vice-Diretor Pe. Orlando Brandes, e para esse cargo foi escolhido Pe. Valter Maurício Goedert. No ano de 1982 o primeiro ex-aluno foi nomeado professor: Pe. Siro Manoel de Oliveira.

O ITESC – Seminário-Pastoral-Academia – DACIT/DAT

Retornemos aos inícios do Instituto Teológico, para alguma notícia sobre sua vida interna, tantas vezes conflituosa, no que se refere à ligação Seminário-Pastoral-Academia-Diretório acadêmico.

Logo no início, em 1973, ficou estabelecido que os seminaristas teriam orientação de prática pastoral dois sábados por mês, e que essa orientação seria dada pelo Pe. Evilásio Volpato, coordenador de pasto-



ral da diocese de Tubarão. Além disso, faziam um sábado por mês uma manhã cultural e uma manhã de espiritualidade. Dos sábados à tarde aos domingos à tarde se dividiriam pelas paróquias vizinhas, auxiliando na pastoral. Foi muito fecundo esse serviço às paróquias e comunidades, especialmente no acompanhamento dos jovens.

Pe. Evilásio insistia, e com ele os coordenadores diocesanos, que o objetivo do ITESC era “não apenas a formação de pesquisadores, mas de pastores”. Pe. Evilásio externava o desejo de “maior entrosamento entre ITESC e CNBB. Os alunos do ITESC, uma vez que estão se preparando para atuar na Igreja de Santa Catarina, deverão estar mais avisados das linhas de ação do Regional”. As coordenações pastorais do Regional e das dioceses queriam uma teologia pragmática, que ensinasse o agir pastoral, sem perder muito tempo com a dogmática e uma exegese muito científica. Para eles, o ITESC deveria ser uma alavanca da modernidade pastoral, uma escola de presbíteros que soubessem agir, organizar, planejar.

As escolhas não eram fáceis para nenhuma instituição teológica no Brasil: poucos eram os manuais que expressavam a teologia do Concílio, poucos eram os professores aptos para uma teologia eminentemente pastoral. Nos períodos de transição, alguns são afoitos, até simplificando os problemas e desafios, e outros, mais tímidos.

Essa realidade já se fizera presente no início, na discussão sobre o Currículo do ITESC: os padres do Regional e Coordenadores de Pastoral (Pe. Osmar Pedro Muller, Pe. Evilásio Volpato, de modo particular) pensavam num Currículo sem disciplinas específicas de Teologia, mas estendido pelos 14 Sistemas da Criatividade Comunitária. A teologia/religião era vista como recheio intelectual. Os bispos catarinenses, porém, fizeram uma opção, norteadora até hoje da vida acadêmica do ITESC: uma teologia séria, renovada, aberta à formação de presbíteros pastores. Renovação dentro da tradição.

Para evidenciar essa opção, fizeram uma escolha muito concreta: o Pe. Paulo Bratti, catarinense de Orleães, professor de teologia em Curitiba e Reitor do PAULINUM. Sua formação teológica tinha acontecido em Roma, durante o Concílio, onde tinha escutado com interesse e proveito os grandes bispos e peritos. Bebera do poço da renovação conciliar. Humanamente rico, Pe. Bratti sabia acolher o novo e rejeitar o novidadeirismo, sabia dialogar com a oposição sem acumular amargura.



Fino diplomata no relacionamento humano, tinha noção da distância que devia percorrer ou dos passos que deveria retroceder.

Pe. Paulo tinha muito nítida a preocupação com a grande tradição da Igreja católica de ter padres bem formados espiritual e teologicamente, padres capazes de dialogar com a cultura e não padres triunfalistas arrotando presumidos modernismos. Sofreu incompreensões, marginalização, mas não deixou de orientar o ITESC no caminho de uma profunda e atual formação teológica.

Como estava programada a primeira visita oficial dos Bispos de Santa Catarina ao seu Instituto Teológico em 17 de junho de 1975, Pe. Bratti sugeriu a formação de um grupo de trabalho para a redação dos **objetivos do ITESC**, levando em conta a “tensão entre pastoralistas e teólogos”. Quanto a esses objetivos, Pe. Bratti e Pe. Brandes apresentaram uma proposta por escrito, logo submetida aos outros professores. No debate, observou-se o seguinte: 1) evitem-se, na redação, os termos de conotação emocional, p. ex., antiintelectualismo, pragmatismo, e os “ismos” em geral; 2) levem-se em conta as possibilidades da metodologia indutiva, também na Teologia, procurando-se partir da realidade; 3) que haja integração com os objetivos do Regional Sul IV; 4) que professores e alunos tomem consciência da necessidade do estudo aprofundado, para a obtenção do imprescindível conteúdo teológico; 5) que se favoreça a integração com a Universidade, tirando-se as conseqüências da presença física do ITESC no campus universitário. Quanto à Pastoral Universitária, viu-se a sua necessidade de fazer um planejamento.

Os problemas e soluções são diferentes, mas interdependentes. Um bocado das tensões entre a Academia e a Pastoral se alimentavam de outra tensão: o conflito entre o ITESC-Seminário e a Academia. Na reunião de 29 de setembro de 1975, foi questionado se a “atmosfera” da casa-seminário era realmente de estudo. Constatou-se que “há conscientização nesse sentido, mas falta intensidade, perde-se tempo: ‘o dia começa tarde e termina cedo’; as críticas são feitas à base de slogans ou rótulos, faltando o aprofundamento; o clima é de dispersão; os alunos criticam, mas não levam a sério a própria crítica...”.

Pe. Bratti, querendo amenizar esse quadro um tanto negativo, deu o testemunho de quem convive continuamente com os alunos, como seu Reitor, dizendo que “neles nota sinceridade, esforço, espírito crítico sincero”. Mas Pe. Orlando Brandes, retrucando ao depoimento, observou



que não se trata de defender a situação antes criticada, mas de procurar soluções objetivas, concretas, para os vários pontos.

Assim, pela primeira vez numa Ata, focalizou-se o problema que, anos depois, ia ser equacionado com a separação entre as duas Instituições: o ITESC-Academia e o ITESC-Seminário. O aluno não distinguia entre professores e formadores que, em alguns casos, eram os mesmos, e entendiam certas aulas como repreensão por seu comportamento em casa.

Diretório acadêmico dos estudantes – buscas e contrastes

Para conduzir o diálogo dos alunos entre si e apresentar suas aspirações à Academia, falava-se na necessidade de um diretório acadêmico que também representasse o ITESC junto à Universidade. Após idas e vindas, em 9 de agosto de 1976, a assembléia dos alunos concretizou o Diretório Acadêmico do Instituto de Teologia-DACIT, depois alterado para DAT.

A 26ª reunião do Colegiado, em 19 de novembro de 1976, contou pela primeira vez com a representação do Diretório Acadêmico na pessoa do seu Presidente, o aluno Agenor Brighenti. O DACIT, através do Presidente, apresentou uma “carta aos estudantes” fazendo uma enquete e propondo um debate sobre os estudos do ITESC no ano de 76. Comunicou também a adesão do DACIT ao manifesto dos outros Diretórios da UFSC contra a continuidade da prisão política do Prof. Marcos Cardoso Filho. A propósito, Pe. Bratti observou que “essa participação, certamente elogiável, deveria estar condicionada a um entendimento prévio com a Diretoria do Instituto, dada a característica especial do DACIT”.

Outro conflito foi motivado pelo fato de o DACIT ter sido co-promotor da visita de Fernando Gabeira à UFSC, tratando-se de um “marxista considerado amoral e perigoso”. Viviam-se nos anos de chumbo do regime militar, e todo questionamento à ordem constituída era visto como esquerdismo, comunismo. Nesses conflitos, Pe. Paulo enfrentava as críticas de diversos padres catarinenses, que suspeitavam de sua presumida simpatia pela direita

Em 1977, o citado Presidente do DACIT, Agenor Brighenti, propôs uma nova metodologia de trabalho acadêmico no ITESC, a partir da enquete realizada entre os alunos no ano precedente: “o professor não



ensina, mas é companheiro na pesquisa, na qual todos se empenham... Daí, a ausência de aulas expositivas...” Seguiu-se animado debate, com muitos questionamentos dos professores, sintetizados na ata. Brighenti insistiu no fato da insatisfação dos alunos. Pe. Bratti sugeriu um confronto entre a proposta do DACIT e o recente documento da Santa Sé sobre a formação teológica (“A formação teológica dos futuros sacerdotes” - 1976). Na revisão do primeiro semestre, em junho de 1976, o representante do primeiro ano, José Fritsch, mencionando a “falta de motivação” e o “descontentamento com a metodologia”, disse que “há muita vontade de ‘fazer teologia’, mas os professores não correspondem...”. O descontentamento continuou e, na reunião do Conselho de outubro do mesmo ano, o representante do 1º ano, José Lino Buss, disse que, “dos professores, alguns dão apostila, mas lêem; outros não dão, e torna-se difícil acompanhá-los; alguns bancam ‘donos da verdade’ e não aceitam o diálogo”.

Esse período, difícil porque a época era difícil também nas outras instituições universitárias, que exigiam diálogo, abertura, consciência social e, no caso específico do ITESC, uma Igreja livre de imposições teológicas, se estenderá até o final da década de 80, com a separação entre comunidade seminarística e comunidade acadêmica. A Ata de 25 de abril de 1978 reporta mais severas contestações, não muito objetivas: Pedro Damásio “falou da sensação de esterilização, diante de métodos primários de exposição e de verificação, do desligamento da realidade...” E José Fritsch, presidente do DACIT, chega a dizer: “A gente era ativo, estava evoluindo dinamicamente, e aqui involui, perde o ânimo. Se nada funciona aqui no ITESC, então algo de profundo deve ser mudado”.

No dia 23 de novembro de 1978, houve uma reunião extraordinária dos professores com os senhores Bispos de Joinville e Chapecó, respectivamente, Dom Gregório Warmeling e Dom José Gomes. Ambos encontravam-se em visita ao ITESC em nome do Regional, e ouviram também os alunos. Concluindo a ata, o secretário anotou que “esse encontro apenas chegou a tocar na chaga, a qual poderia ser resumida no seguinte: há um fosso entre professores e alunos, e vice-versa, difícil de transpor. De outro lado, o ITESC, como obra necessária da Igreja em Santa Catarina, e com estes recursos humanos que temos (estes professores, não outros; estes alunos, não outros) deverá vencer, pelo diálogo e o esforço mútuo, coadjuvado pela graça de Deus, esta situação que se apresenta como um verdadeiro impasse”.



Nas reuniões seguintes, os comentários são mais moderados e objetivos permanecendo, porém, o problema: que teologia? que tipo de padre? qual o lugar do social na formação e no ministério?. Pe. Bratti, até para animar os professores nesse ambiente não amistoso, insistia em que “um professor de Teologia é antes de tudo confessor da Fé: confessor é também o que sofre humilhações pela fé”. Pe. Orlando Brandes lembrava que a teologia do ITESC parecia não estar respondendo à preocupação dos alunos com o social. Apontou algumas falhas essenciais, a seu ver: a) da parte dos professores, falta de conteúdo teológico, e falta de conteúdo ‘libertário’, isto é, de Teologia da Libertação; b) da parte dos alunos, falta de assumirem o seu dever de estado, por causa do ‘contexto fácil’ e dos preconceitos com que já vêm para a Teologia.

Em 1979, a Igreja latino americana celebrou a Conferência geral em Puebla, no México. Retomando as opções de Medellín (1968), o tom do enfoque social na pastoral foi acentuado, marcando as alegrias e tristezas do período.

Em julho de 1982, Pe. Orlando relatou algo sobre o Encontro da Organização dos Seminários e Institutos Filosófico-Teológicos do Brasil-OSIB em Brasília, de que participara e donde colheu esses temas que são os mesmos em todo o Brasil: as reflexões sobre o “tipo de Padre”, para que “tipo de Igreja”, prevalecendo o conceito de Igreja ministerial, portanto, do Padre-ministro, servidor do povo de Deus. Na Teologia ensinada, vários Institutos optam decididamente pela Teologia da Libertação. Pe. Ney referiu-se também ao Encontro nacional de Liturgia, em Belo Horizonte, marcado por uma grande preocupação pela inserção da Liturgia no social, mas sem qualquer alusão aos documentos da Santa Sé. Pe. Debiasi, referindo-se a um Encontro de formadores do Clero, no Paraguai, mencionou a insegurança e o pluralismo das diretrizes na formação do Clero. Pe. Ney observou que, “dentro desse pluralismo, é preciso manter a identidade do nosso Instituto: seriedade e fidelidade à Igreja”.

A última reunião do ano de 1982, em 7 de dezembro, contou com a presença do sr. Arcebispo, Dom Afonso, e de Mons. Valentim Loch, recém-nomeado Reitor do Seminário do ITESC. Pela sua história de vida, pelo respeito recebido no meio do clero catarinense, Mons. Valentim foi julgado o nome adequado para assumir a reitoria. Dom Afonso comunicou também que Pe. Evaristo Debiasi fora nomeado Orientador Espiritual do Seminário.



Mesmo com toda a sua boa vontade, Mons. Valentim não conseguiu apaziguar o ambiente interno, pois julgava que ainda poderia pedir silêncio, pontualidade, estudo... Logo reconheceu a dificuldade e, a partir de 1984, a reitoria foi assumida pelo Pe. Nilo Buss, da diocese de Tubarão e aluno da primeira turma do ITESC. Os problemas tornaram-se mais serenos ao em 1988/1989, quando se separou o ITESC do Seminário, cada diocese tendo os alunos em seminário próprio e com formador próprio.

João Paulo II e a grande disciplina

O ITESC viveu 25 anos sob o pontificado de João Paulo II (1978-2005), o papa que veio do Leste. É difícil não se cair na injustiça ao se fazer uma avaliação desses 25 anos voytilianos. Alguns preferem o refrão “esse Papa só fez retroceder”; ou então, “esse Papa colocou a Igreja nos eixos”. Se isso fosse verdade, o Espírito seria descartável e a Igreja estaria na mão voluntariosa de um ser humano. Houve, de fato, um retrocesso no sentido de viver grandes utopias sociais. Com a queda do Muro de Berlim e o colapso do Império soviético (1989-1990), a governança global mergulhou no neo-liberalismo, onde o que conta é o capital financeiro, o verdadeiro agente administrativo do mundo.

Para conhecer melhor a realidade da formação presbiteral no Brasil, João Paulo II promoveu o envio de visitantes apostólicos para os seminários, cujo fruto mais vistoso e doloroso foi o fechamento do Instituto Teológico do Recife – ITER e do Seminário Regional do Nordeste – SERENE, em 1989. Eram as duas jóias da coroa de Dom Hélder Câmara, o qual sentiu a decisão de seu sucessor a partir de 1985 como punhalada pelas costas.

Em 1988, também os seminários catarinenses e o ITESC receberam a visita na pessoa de Dom Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria, RS, homem sumamente aberto. Na ocasião da visita, encontrou o ambiente meio conturbado, como acontece periodicamente com as instituições formativas. Nas entrevistas com alunos e professores, Dom Ivo captou essa insatisfação e incluiu-a no Relatório entregue à Santa Sé. Evidente que os problemas foram contornados ficando, porém, a notícia. Quando, em março de 1991, Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ assumiu como arcebispo de Florianópolis, disse que, entre seus trabalhos, um seria “pôr a casa em ordem”, por casa entendendo-se o ITESC. Para surpresa sua, não havia casa desarrumada.



Os Seminários Teológicos catarinenses

Em 1988 foi desativado o Seminário que, no mesmo prédio, congregava diferentes dioceses, causa de diversos conflitos, pela mistura de vida comunitária e academia, como analisamos antes. Em vez de um único grande seminário regional, optava-se por seminários diocesanos, com a opção de morar em residências simples, nas periferias de Florianópolis. Um medo: ser alienado; um sonho: ser libertador. É claro que o binômio não funciona por não ter lógica, mas motivou as opções sérias de muitos itesquianos em seu posterior atuar pastoral. A redemocratização de 1984, a maioria dos Movimentos populares, dos partidos, sindicatos, mostrou que a Igreja não é dona da justiça social, mas motivadora, fermento na massa, humilde servidora dos pobres, apoiando os movimentos populares. Sem uma profunda espiritualidade, sem uma séria reflexão teológica, pouco fará o presbítero por um mundo novo.

A partir de 1994, as aulas passaram da UFSC às atuais dependências do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, onde antes funcionava o grande Seminário, e na parte da manhã. Alguns alunos reclamaram da perda de contato com a Universidade, mas, de fato, a Universidade não tinha mais salas à disposição. A anterior convivência seminário-academia tinha a vantagem da troca de experiência, mas a desvantagem da mistura dos “humores” com a identificação professor-formador.

A questão das Ordenações diaconais e presbiterais alcançou uma qualidade maior. No sistema anterior, os bispos ordenavam seminaristas sem muito levar em conta a opinião dos padres e formadores. Com cada Diocese tendo seu Seminário e Reitor, ficava melhor a qualidade da formação e da informação aos Bispos, que levam em conta os escrutínios encaminhados pelo Reitor.

Também foi decidido que os Bispos não aceitariam ex-seminaristas, decisão unânime mas não unívoca, pois um bispo diocesano é livre em suas escolhas. Aqui se percebe a conseqüência de experiências feitas e a mudança do perfil do episcopado catarinense. O perigo nesse processo é a dificuldade maior da transparência na formação: sabendo estar sendo cobrado para a ordenação, o seminarista assume, mesmo não concordando, uma espécie de convivência pacífica, para ser ordenado. Depois de ordenado, pode surpreender negativamente. Evidente que essa nota vale para alguns casos apenas.



Cronologia dos Seminários teológicos

Assim aconteceu a fundação dos seminários teológicos, diocese por diocese.

Diocese de Florianópolis: Em 1989 estabeleceram-se dois grupos: um, pequeno, no Morro da Mariquinha-Monserrat, e a maioria, no atual prédio do Regional Sul IV. Dom Afonso sentiu muito essa realidade nova, que aceitou como sofrimento pelo seu áureo jubileu presbiteral. A partir de 1999, todos foram transferidos para o novo edifício “Convívio Emaús”.

Diocese de Lages: Em 1976, os seminaristas residiam num edifício da Fundação, depois adquirido pela diocese. Com a construção da nova casa, a partir de agosto de 2008 a Diocese de Lages passou a contar com uma residência ampla, o “Seminário Dom Honorato Piazzera”.

Diocese de Chapecó: Devido às distâncias e a uma especial orientação teológica, em 1990 Dom José Gomes e seu presbitério decidiram manter seus seminaristas no território da diocese, optando pelo ITEPA, o vizinho Instituto Teológico de Passo Fundo, RS. Uma opção que de certo modo frustrou a intenção primordial do ITESC, destinado a todas as dioceses catarinenses.

Diocese de Caçador: Em 1989 foi inaugurado o “Seminário Teológico São José”, no bairro Pantanal, bem perto do ITESC.

Diocese de Joaçaba: Criada em 1975, ainda não possui seminário próprio, tendo sido acolhida pela diocese de Lages. Dom Henrique Muller, OFM, primeiro bispo, no decorrer do tempo enviava os seminaristas para União da Vitória, PR, pois não concordava com a linha teológica do ITESC.

Diocese de Tubarão: Em meados de abril de 1989, saiu do Seminário o primeiro grupo, que se estabeleceu em uma casa no bairro Pantanal; em seguida, outro grupo estabeleceu-se no Ribeirão da Ilha; um terceiro grupo, num apartamento, na Trindade. Durante as férias de julho de 1989 foram iniciados os trabalhos de construção do que viria a ser o primeiro Seminário Teológico da Diocese de Tubarão, instalado modestamente na Serrinha. Em 1998 foi inaugurado o “Seminário Teológico de Tubarão – SETT” em terreno da Fundação e situado atrás do ITESC.



Diocese de Criciúma: Criada em 1998, seus estudantes residiam junto com os seminaristas da Diocese de Tubarão. O “Seminário Teológico Bom Pastor” foi inaugurado em agosto de 2003.

Diocese de Joinville: Em 1988, os estudantes foram morar numa casa no Morro do Horácio e, em seguida, na residência do Pe. Vilmar Adelino Vicente, no bairro Santa Mônica. Em 2001 foi inaugurado o “Seminário Teológico Nossa Senhora de Guadalupe”, nos altos do Pantanal.

Diocese de Rio do Sul: Em 1989, os seminaristas ocuparam residência na Rua São Marcos, no bairro Carvoeira. A partir do ano 2000, têm o Seminário Teológico na Trindade.

Diocese de Blumenau: Criada em 2000, seus seminaristas residiam com os de Joinville. Em 2009, foi inaugurado no bairro Santa Mônica o “Seminário Diocesano de Teologia da Mãe de Jesus”.

Inicialmente vista com suspeita, a história dos seminários teológicos diocesanos revelou-se positiva para a vida do ITESC. Outro ponto: a idéia inicial era posicionar os seminários em locais pobres, nas periferias de Florianópolis. Posteriormente foi constatada e assumida a melhor localização nas proximidades do ITESC.

O Seminário Filosófico Catarinense

No dia 26 de agosto de 2012 o Seminário Filosófico de Santa Catarina – SEFISC festejou os 30 anos de criação jurídica. Mas, sua história concreta tem início antes, e não se confunde com a fundação oficial. Desde a criação do ITESC, em 1973, Dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis, falava aos bispos catarinenses da oportunidade de se encontrar um caminho colegial também para a Filosofia, pois a Santa Sé recomendava estudos filosóficos.

O caminho colegial já estava acontecendo desde 1969, quando as dioceses catarinenses deixaram de enviar para Curitiba (PAULINUM) os seminaristas que concluíram o 2º Grau. Optou-se, então, por cada Diocese deixá-los em seu território, cursando uma faculdade de Ciências humanas, na falta de Filosofia. A arquidiocese de Florianópolis, concretamente, deixou-os residindo em Azambuja. Os Padres dehonianos, de boa vontade os matricularam em seu Curso filosófico, ainda no velho Convento. Isso em 1970.



Com o início do ITESC, pouco a pouco se percebeu a carência de formação filosófica naqueles seminaristas que estudavam em faculdades públicas. Era questão de enfrentar o desafio de um Filosofado catariense. Ao mesmo tempo, Pe. Orlando Maria Murphy, SCJ, de saudosa memória, tinha criado em Brusque um curso de extensão da Fundação Universidade Regional de Blumenau-FURB. Assim, na parte da manhã os seminaristas estudavam Filosofia no Convento e, à noite, cursavam disciplinas complementares na FURB-Brusque. Pe. Orlando, grande dinamizador dos estudos em Brusque, e que foi Reitor da FURB, em 1973 fundou a FEBE, Fundação Educacional de Brusque, hoje UNIFE-BE. Com isso, resolvia-se o problema de os seminaristas não terem um curso reconhecido.

Em 1978 Dom Afonso retornou ao assunto com os bispos catarienses. Passo concreto, Dom Tito Buss, bispo de Rio do Sul, pediu que a arquidiocese acolhesse seus seminaristas em Azambuja. E assim, em 1979 chegaram 5 seminaristas riosulenses para o Seminário de Azambuja. Assistente da comunidade de Filosofia era o Pe. José Artulino Besen, que também lecionava na FEBE. Essa vinda estava condicionada à construção de um prédio, na cidade, para a residência dos filósofos. Pe. Orlando se entusiasmou, deu início à construção desse prédio em 1979 mesmo, onde hoje é a sede da Faculdade São Luís. Mas, não foi possível concluí-lo.

Os bispos – com exceção de Tubarão – já contavam com essa solução e, agora, o que fazer com os seminaristas em 1980? Dom Afonso promoveu a adaptação do dormitório dos menores no Seminário de Azambuja, que foi dividido, recebendo sala de reuniões e 7 quartos de bom tamanho, e ainda havia vagas no terceiro andar. Assim, em 1980 chegaram a Azambuja mais estudantes: 7 de Chapecó, 5 de Lages, 3 de Joinville, 8 de Rio do Sul, 3 de Caçador. No total, eram 36 estudantes de Filosofia, tendo como assistente o Pe. José Artulino Besen. Não foi nada fácil trabalhar com seminaristas de mentalidades e formação bastante diferenciada, não havia estatuto formativo, enfim, tudo foi feito com boa vontade.

Nesse mesmo ano de 1980, Dom Afonso, Pe. Vito Schlikmann (reitor de Azambuja) e Pe. José Artulino Besen procuraram terrenos em Brusque, e terrenos que facilitassem a locomoção para a FEBE. Finalmente foi encontrado um que pareceu o melhor, em Santa Teresinha, de propriedade de Walmor Vecchi. A construção dos blocos teve início sob orientação de Dom Gregório Warmeling e supervisão de Pe. Agostinho



Stahelin, pároco em São João, Itajaí. Pe. Orlando, percebendo que a construção não iria vingar tão cedo, em 1981 recebeu numa ala do antigo Colégio Santo Antônio os seminaristas de Lages e Joinville, que deixaram Azambuja por falta de espaço. Ele mesmo se encarregou da formação, auxiliado pelo Pe. Pedro Canísio Rauber, reitor do Convento SCJ.

A construção do Seminário andou rápido, para alegria dos senhores bispos. E, em 1982, a casa foi inaugurada com a chegada de novos seminaristas e os que estavam no antigo Colégio Santo Antônio e em Azambuja. O primeiro reitor foi o Pe. Alcido Kunzler, da diocese de Chapecó, heróico batalhador. Dom Tito pediu que seus seminaristas continuassem em Azambuja, o que aconteceu até 1983.

Posteriormente, os padres dehonianos criaram seu próprio filosofado reconhecido pelo MEC, a Faculdade São Luiz, onde foram matriculados os seminaristas residentes no SEFISC. A Faculdade São Luiz, iniciada no ano 2000, foi autorizada pelo MEC em 2004 e credenciada em 2005. Os seminaristas diocesanos deixaram a FEBE e passaram a freqüentar essa Faculdade, que oferece estudos filosóficos completos.

ITESC – Faculdade reconhecida

Desejo do episcopado catarinense, e dos padres e seminaristas, era que os estudos teológicos ou tivessem reconhecimento oficial ou oferecessem um título aos formados. Desde o início havia essa preocupação. Lembro que em 1959, na criação da UFSC, Dom Joaquim Domingues de Oliveira endereçara consulta ao Reitor João Ferreira Lima a respeito de a Universidade Federal abrigar o curso de Teologia. A resposta foi negativa pois, no Brasil, uma entidade pública não pode subvencionar determinada religião ou Igreja, devido à separação Igreja-Estado.

Pouco mais de duas semanas após a aprovação do ITESC, na reunião de 19 de dezembro de 1972, compareceu o Prof. Nereu do Vale Pereira, que aceitou a incumbência de estudar o regimento e a oficialização do Instituto. Ele entraria com o processo no Conselho Estadual e também no Conselho Federal de Educação, para verificar a possibilidade do reconhecimento. Enquanto isso, Pe. Francisco de Sales Bianchini, Professor na UFSC, ficou encarregado de conseguir da Universidade uma sala de aula para o nascente curso o que, felizmente, se conseguiu.



Em 5 de maio de 1973, Pe. Paulo Bratti, Diretor, deu notícia da audiência que Dom Afonso Niehues e ele tiveram com o Reitor da UFSC, visando a “agregação do ITESC” à Universidade. Nesse sentido, foi entregue ao Reitor “um processo com mais de trinta páginas”... Na reunião seguinte do Colegiado, realizada em 26 de junho, o próprio Arcebispo, Dom Afonso, comunicou que o pedido de “agregação” à UFSC fora indeferido pela Comissão Consultiva da Universidade. Em vista disso, haviam sido tomadas providências para novo pedido, em forma de convênio com a UFSC.

No ano seguinte, Pe. Francisco de Sales Bianchini, professor e Chefe de Departamento na UFSC e Relações Públicas do Instituto com a UFSC, comentou que o “convênio” com a Universidade estava em andamento, pois as salas eram cedidas sem a formalização de um documento que garantisse a cessão. As aulas do ITESC, ministradas no ano anterior numa sala do Campus pela manhã, passaram a ser ministradas à tarde, por conta do espaço disponível. O Convênio ITESC-UFSC foi assinado em 23 de dezembro de 1974 e vigorou até 1994. Comentou-se que as vantagens eram poucas, comparadas com as que se previam para os primeiros projetos, sucessivamente reelaborados (Cursos de extensão, intercâmbio, pastoral). Entretanto, é já alguma coisa, e o ITESC recebia assim um primeiro reconhecimento oficial, embora incipiente.

A presença dos itesquianos no Campus da UFSC representava mais um sonho de presença ativa do que a realidade de simples presença física. Os estudantes universitários se unem e reúnem por áreas de interesse, o mesmo acontecendo com os estudantes de teologia. Concretamente, no início da década de 1980 houve uma presença mais ativa do Diretório Acadêmico-DAT junto à UNE e à UDCE, patrocinando causas de direitos humanos e de liberdade. Era presidente do DAT Serenito Moretti, da diocese do Rio do Sul.

Reconhecimento dos estudos

Quanto ao reconhecimento junto a uma Universidade Pontifícia, em 1976 Pe. Afonso Birk, jesuíta e professor no ITESC, ficou encarregado de fazer as devidas sondagens. Pe. Birk tinha sido o primeiro e último capelão da UFSC e fora excluído no início dos anos de chumbo da ditadura militar, em 1968. Convém lembrar a presença amiga dos padres jesuítas tanto como professores ordinários como para ministrar



curso intensivos. Aqui podemos citar o Pe. João E. Martins Terra, Pe. Francisco Taborda e o Pe. Luís Stadelman.

Foi essa presença, com a intermediação do Colégio Catarinense, que, na reunião de 30 de abril de 1976, levou a se falar no “diploma” a ser conferido aos alunos que concluíssem o curso com todos os requisitos (tesina e exame “de universa”), e decidiu-se conferir o título de Bacharel em Teologia com a possível agregação à Faculdade dos Jesuítas de São Leopoldo, RS, ou mesmo à da PUC do Rio. Aliás, Prof. Celestino Sachet, consultado, informou que, segundo informação do Pe. Vasconcelos, “ainda não há clima, no Conselho Federal de Educação, para o reconhecimento oficial do curso de Teologia”. Mas que, aqui, está surgindo a possibilidade de a UFSC organizar o curso de pós-graduação em Filosofia com a opção da Teologia, possibilidade a ser verificada pelo ITESC. Isso foi muito sonhado e com muita seriedade: um curso de Teologia e de Ciências da Religião. Foram feitas gestões junto a UFSC e a FURB, mas sem sucesso.

Na reunião dos professores, no dia 21 de fevereiro de 1978, Pe. Bratti comunicou que fora feito oficialmente o pedido de agregação do ITESC à Faculdade Teológica do Cristo Rei, de São Leopoldo, RS: o documento, assinado no dia 30 de janeiro pelo Sr. Arcebispo Dom Afonso e pelo Diretor da Faculdade, já tinha sido encaminhado a Roma, para a sua esperada aprovação. Em 5 de maio de 1978, a 27ª reunião do Conselho Departamental começou com a notícia de que “a direção da Faculdade de Teologia dos Jesuítas, de São Leopoldo, concordava com a nossa afiliação a eles. Para isso, os professores deverão entregar logo a documentação referente ao seu currículo acadêmico e aos programas dos seus cursos”.

Em 1981, a Faculdade de São Leopoldo foi transferida para Belo Horizonte, onde se estabeleceu o novo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, antes projetado para Brasília. É a essa Faculdade Teológica, dos jesuítas, que o ITESC se afiliou. A cada final de ano acadêmico, um professor da Companhia de Jesus vem ao ITESC para participar da banca examinadora dos estudantes que terminaram os estudos. Nos primeiros anos, os alunos não demonstravam muito interesse em obter o Bacharelado. Com o tempo, porém, viu-se o quanto valia esse título, especialmente nas Universidades européias, pois era (e é) conferido por uma Faculdade da Companhia de Jesus. Atualmente os bispos catarinenses exigem o título para a



admissão às Ordens sacras. Deve-se aqui salientar a boa fama que o ITESC conserva junto a Belo Horizonte, fruto da seriedade de seus professores e alunos e de seu currículo.

A Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC

Desde 1975, o ITESC se fez promotor da iniciação bíblico-teológica para os leigos, oferecendo-lhes cursos noturnos, geralmente no início da semana. Ao mesmo tempo, estabeleceu convênio com Movimentos populares validando e acompanhando cursos pastorais por eles oferecidos.

Permaneceu, porém, o projeto de uma Faculdade reconhecida pelo Governo, projeto sempre complicado pelo espírito laico/laicista dos Conselhos estaduais e federal de Educação, o que não acontece em países europeus, que mantêm Cursos de Teologia em suas Universidades. Isso mudou, no Brasil, quando o Conselho Nacional de Educação afinal reconheceu a existência dos Cursos de Teologia. Em 1999, esse Conselho emitiu o *Parecer 241*, que dava a possibilidade de os cursos de teologia serem autorizados e reconhecidos pelo MEC. O curso de Teologia dos Padres dehonianos em Taubaté, SP, foi o primeiro a ser reconhecido, em 2001. Conforme a lei, o credenciamento dá-se após 4 anos de funcionamento e de acompanhamento pelo MEC.

O ITESC passou a trabalhar pelo reconhecimento de seu curso, conforme desejo desde sua fundação. Foi sob os períodos de Direção de Pe. Vilmar Adelino Vicente (1999-2002), Pe. Agenor Brighenti (2003-2005) e Pe. Vitor Galdino Feller (2005- ...) que foi iniciado e continuado o processo de documentação, projetos e preenchimento de exigências para o reconhecimento do Curso de Teologia como Faculdade. Foram muitas as exigências, tanto em nível acadêmico como de instalações.

Após muito trabalho, recomeços e perseverança, veio a notícia esperada: A FACULDADE CATÓLICA DA SANTA CATARINA-FACASC foi credenciada pelo Ministério da Educação, pela Portaria n. 1.823, de 30 de dezembro de 2012, publicada no Diário Oficial da União em 02 de janeiro de 2013. Assim, já em fevereiro de 2013 foi promovido o processo seletivo (vestibular) e a grade curricular foi adaptada às novas exigências.



Sua mantenedora é a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara. Os alunos que passarem pelo processo seletivo e concluírem o curso, receberão o bacharelado em Teologia e, paralelamente, continuarão a receber o bacharelado eclesiástico pelo ITESC. Isso foi muito importante: a insistência de conservar a ligação com os Padres jesuítas e seu Curso em Belo Horizonte porque, desse modo, os estudantes que preenchem os requisitos recebem o duplo Bacharelado: eclesiástico e civil. Talvez se gaste tempo e recursos com burocracia, o que se constitui tradição em solo brasileiro, mas vale a pena.

Com essa etapa do reconhecimento da FACASC, o ITESC ingressa numa nova fase, coroando 40 anos de trabalho dos senhores bispos, diretores, professores e alunos. Como antes, são oferecidos cursos de pós-graduação nos meses de férias, agora, porém, com reconhecimento oficial.

Creio ser justo, nesta altura da história, citar os nomes dos **Diretores do ITESC**. Com competência e muita paciência tornaram possível o caminho formativo do clero catarinense e de tantos leigos e leigas que freqüentaram seus cursos:

- Pe. Ms. Paulo Bratti (1973-1982)
- Pe. Ms. Orlando Brandes (1982-1984)
- Pe. Dr. Hércion Ribeiro (1985-1986)
- Pe. Ms. Ney Brasil Pereira (1987)
- Prof. Daniel E. Ramada Piendibene (1988-1º. semestre de 1989)
- Pe. Dr. Vitor Galdino Feller (2º. semestre de 1989-1993)
- Pe. Dr. Manoel João Francisco (1994-1998)
- Pe. Dr. Vilmar Adelino Vicente (1999-2002)
- Pe. Dr. Agenor Brighenti (2003-2005)
- Pe. Dr. Vitor Galdino Feller (2005- ...).

À sua firmeza e dedicação o ITESC deve a perseverança aos ideais dos fundadores de 1973.



Uma visão de conjunto

Os 40 anos do ITESC podem ser lidos através de quatro contextos da vida na Igreja e da Igreja no Brasil, que não são excludentes, mas indicam acentuação:

1. *O Concílio Vaticano II* (1962-1965) – eclesiologia do Povo de Deus, da comunhão. No Brasil – e no Paulinum-ITESC – a preocupação com o pastoreio, os problemas psicológicos das pessoas: o padre deve ser um pastor e um psicólogo.
2. *Conferências de Medellín e de Puebla* (1968 e 1979) – opção preferencial pelos pobres: a ação do padre deve ser orientada para o “povo”. O padre deve ser um agente de transformação social.
3. *João Paulo II e a Nova Evangelização*: retorno à vida interna da Igreja, à grande disciplina, à eclesiologia. O padre deve ser um agente do sagrado e da instituição.
4. *O êxodo rural*, a urbanização (87%) e os movimentos católicos e pentecostais. A preocupação com a perda de fiéis, com dados estatísticos. Há uma modernização da pastoral, mas que não consegue superar o substrato rural: procissões, devoções, novenas, santos. Chama a atenção a origem urbana das vocações, especialmente das classes mais humildes.

Nossa época é marcada pela busca do religioso, do sentimento do divino, mas pouco pela busca da fé. Numa época de poucos ideais, como o é a pós-modernidade, o grande mal é a *falta de fé*, representada por três males na vida da Igreja clerical: **estetismo invasivo** (confunde-se celebração litúrgica com cerimônias, paramentações, clericalização dos ministérios leigos), **verbalismo** (confunde-se o anúncio da Palavra que salva com estrelismo de pregadores popstar cuja espiritualidade é inversamente proporcional ao tamanho dos sermões e cujo sucesso é medido pelas “conversões” e milagres) e **moralismo** (a comunidade das Bem-aventuranças, como deve ser a Igreja, é substituída pela comunidade dos 10 Mandamentos, da moral reduzida a preceitos de ordem sexual, com casuísticas para demarcar o campo do pecado como se ainda houvesse cristãos interessados nessas recomendações). Contra o espírito ecumênico e do diálogo inter-religioso, percebe-se retorno ao fechamento denominacional, à acentuação de que somente a Igreja católica tem a verdade.



Nossa época é revolucionária, de pouca memória, de rapidez de técnicas, do subjetivismo, mas também da busca da subjetividade, de pessoas em busca de sentido para suas vidas, de uma fé madura, escolhida. É época que oferece aos padres e evangelizadores o grande dom de anunciar a Cruz redentora e a Palavra que dá vida. Como todas as épocas, esta também é de evangelização, nova, como todas.

Escreveu o Pe. Adolfo Nicolas Pachón, superior geral dos Jesuítas: “A nova evangelização tem início com a descoberta do que Deus fez no povo. Isso antes de dizer o que eu quero ou o que eu penso que Deus quer dizer. Não nos esforçamos bastante para descobrir o que Deus fez no povo e nos povos. Deus está trabalhando antes que nós cheguemos. Já está trabalhando. Isso vale tanto para as missões no Oriente como para o trabalho com o povo.

Nossa cultura envelheceu, as nossas igrejas são grandes, as nossas casas religiosas estão vazias, e o aparato burocrático da Igreja aumenta, os nossos ritos e os nossos hábitos são pomposos. O padre Karl Rahner usava de bom grado a imagem das brasas que se escondem sob as cinzas: “Eu vejo na Igreja de hoje tantas cinzas sobre as brasas, que muitas vezes me assola uma sensação de impotência. Como se pode livrar as brasas das cinzas, de modo a revigorar a chama do amor? Em primeiro lugar, devemos procurar essas brasas. Onde estão as pessoas individuais cheias de generosidade como o bom samaritano?”.

Perguntaram ao Cardeal Carlo Martini, SJ: Que instrumentos o senhor aconselha contra o cansaço da Igreja? Ele respondeu: *Conversão, Palavra, Sacramentos*. Reconhecer os próprios erros, restituir a Bíblia ao católicos, oferecer o acesso aos Sacramentos, pois têm poder de cura. Se limitarmos a recepção dos Sacramentos aos que estão “em dia”, estaremos privando os doentes da cura e libertação. A Igreja é mãe e quer a saúde de seus filhos. “Antes da Comunhão, nós rezamos: “Senhor, eu não sou digno...”. Nós sabemos que não somos dignos [...]. O amor é graça. O amor é um dom. A questão sobre se os divorciados podem comungar deve ser invertida. Como a Igreja pode ajudar, com a força dos sacramentos, aqueles que têm situações familiares complexas?

Encerrando: o Clero catarinense, hoje, realiza o que Dom Afonso falara há 40 anos: é o futuro tornado presente da Igreja catarinense. Santa Catarina pode se orgulhar de seus padres, de sua qualidade humana e pastoral. O ITESC/FACASC não tem fôrma: nele há lugar para a formação



de um padre segundo o coração de Jesus, padre líder comunitário, e lugar para um padre de barrete, batina e residindo num mundo que não mais existe. Os professores e orientadores sempre deixaram campo à liberdade, ao pluralismo. Há 40 anos Dom Afonso Niehues e os bispos de Santa Catarina falavam do ITESC como futuro da Igreja catarinense. Agora podemos dizer que o futuro sempre permanece, mas já fundamentado num rico passado e presente.

Endereço do Autor:

ITESC, cx postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC
Email: jabetesen@terra.com.br

Fontes:

Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, Cúria Metropolitana, Florianópolis.

Livro de Atas do ITESC, compilado pelo Pe. Ney Brasil Pereira para o período de 1973-2003.

Besen, José Artulino: Padre Paulo Bratti – Presbítero da Igreja. Florianópolis, Revista ENCONTROS TEOLÓGICOS, n. 12 (1992/1), pp. 29-41.

Arquivo pessoal do autor.